

“A VIDA AO RÉS-DO-CHÃO”: UM ESTUDO DO GÊNERO CRÔNICA

Joana Leopoldina de Melo Oliveira (UFRN)
jlm_oliveira@hotmail.com

Introdução

“A vida ao rés-do-chão” foi o título do texto escrito por Antonio Candido para prefaciar um dos volumes do livro “para gostar de ler”, com seleções de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Nesse pequeno texto, Antonio Candido descreve com maestria esse gênero que, segundo ele, serve de caminho para a literatura por estar mais próximo de nós. Através da simplicidade da linguagem, a crônica torna-se um texto sensível aos acontecimentos do dia-a-dia e, em alguns casos, nota-se a profundidade de significados que podem levá-la candidata à perfeição.

Neste trabalho, pretende-se apresentar os pensamentos do literato a respeito da crônica e suas principais características, relacionando-os principalmente com as crônicas do escritor Rubem Braga, considerado por Antonio Candido “o mais poeta dos prosadores do modernismo”. Rubem Braga se destacou na literatura brasileira apenas escrevendo crônicas, com textos carregados de lirismo, percebe-se a liberdade e simplicidade descrita por Antonio Candido. Desse modo, trataremos de questões como oralidade na escrita, o humor, a crítica social e o hibridismo do gênero.

No seu prefácio, Antonio Candido cita crônicas que são consideradas diálogos, outras marcham rumo ao conto, algumas parecem anedotas e, em outras, temos uma exposição poética ou biografia lírica. Assim, faremos um passeio sobre um dos textos mais famosos para o estudo da crônica brasileira, auxiliados por exemplos de crônicas do escritor Rubem Braga e utilizando também os pensamentos do estudioso Davi Arrigucci Jr, com o texto “Braga de novo por aqui”, no qual expõe características importantes do gênero que é considerado bem brasileiro e que não tinha inicialmente pretensão de durar, mas que permanece até hoje nos encantando com a simplicidade e brevidade das palavras dos que escrevem do simples rés-do-chão.

1. Um pouco de história: um gênero brasileiro

Antonio Candido, no texto “A vida ao rés-do-chão” fala um pouco sobre a história da crônica e sua evolução no Brasil. Para o estudioso, com o passar dos anos esse gênero tornou-se bem brasileiro “pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade que aqui se desenvolveu” (1984, p7). Isso se deve principalmente aos nossos cronistas (folhetinistas), homens que transitavam entre os jornais e a literatura naquela época. Nomes como: José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros, se apropriaram desse gênero e deixaram sua marca e seu estilo nos textos produzidos no jornal do período.

A crônica nasceu no jornal como folhetim, e este era o espaço do jornal dedicado à publicação de variedades, entre elas os romances folhetinescos (como o francês *Rocamble*, de Ponson Du Terrail), comentários sobre as mais variadas coisas, etc. O folhetim tinha um espaço definido nos jornais, o rodapé ou, em francês, *rez-de-chaussée* (rés-do-chão), espaço voltado para o entretenimento. Portanto, assim nasceu o gênero crônica e essa é a sua relação inicial com o rés-do-chão. No seu texto, Candido também cita a história da crônica, vejamos:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (1984, p.7)

O primeiro significado do gênero com o *rés-do-chão* foi, como vimos acima, sua posição no jornal, entretanto, ao longo dos anos ela se tornou bem íntima do leitor, com uma linguagem coloquial e simples, parecia mesmo ser um gênero menor, diferentemente dos grandes romances e poesias, cuja linguagem rebuscada e temas complexos encantam o leitor. Por isso, o nosso literato afirma que: “A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. [...] Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor” (1984, p.5). E por isso, segundo Candido, ela fica mais perto de nós e serve como caminho para a literatura.

Por ser filha do jornal e, dessa forma, não foi feita inicialmente para ser publicada em livros, era um tipo de leitura que no dia seguinte seria descartada, jogada fora ou era usada para “embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (1984, p.6). Talvez por não ter pretensões em durar, o nosso crítico afirma que:

O seu intuito não é dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples *rés-do-chão*. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nos verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (1984, p.6)

O *rés-do-chão* é realmente o melhor lugar para a crônica. Este parece ser o principal motivo do seu sucesso: a despreensão e a simplicidade da linguagem que se aproxima do nosso modo de ser e de falar. Alguns desses textos conseguem se eternizar através das publicações em livros e, especialmente, permanecendo na memória dos seus leitores.

Daremos destaque aqui ao cronista Rubem Braga, ele que só foi cronista e que não se considerava um escritor, apenas um jornalista. Com a mesma despreensão do gênero que o consagrou, o nosso “velho Braga”¹, como era conhecido, conseguiu permanecer e se destacar na literatura brasileira apenas escrevendo crônicas. Segundo Davi Arrigucci Jr.: “Sem dúvida, se tratava de um cronista, de um narrador e comentarista dos fatos corriqueiros de todo dia, mas algo ali configurava a crônica,

¹ Termo usado por Davi Arrigucci Jr. no seu texto “Braga de novo por aqui”. In: BRAGA, Rubem. **Melhores contos**. São Paulo: Global, 2001.

dando-lhe uma consistência literária que ela jamais tivera” (2001, p. 5). Utilizaremos os textos desse cronista, que se destacou entre os demais por se dedicar quase que exclusivamente ao gênero, para mostrar algumas características importantes da crônica e que foram citadas por Antonio Candido no seu famoso prefácio.

2. O grande prestígio da crônica: a oralidade na escrita

De acordo com Antonio Candido, essa é a principal característica da crônica atual. Para ele, “o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e uma aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” (1984, p.8). Sobre essa humanização, o crítico comenta e compara que hoje os professores pedem para os alunos lerem mais crônicas, diferentemente do tempo dele em que pediam para lerem discursos, sermões, e acrescenta: “Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante” (1984, p.8). Nos nossos dias, ler crônicas parece ser um caminho para a literatura, o texto se humaniza, ou seja, proleia com o leitor usando um tom familiar, e isso aproxima os novos leitores da língua, da leitura e, principalmente, da literatura, pois “ensina a conviver intimamente com a palavra” (1994, p.6).

O tom de conversa fiada, transmitindo a oralidade através da escrita pode assemelhar o narrador da crônica ao narrador da tradição oral, aquele que contava os causos que eram transmitidos oralmente entre as pessoas. No caso do cronista Rubem Braga, ele é considerado um cronista contador de histórias, especialmente porque traz algo que lhe é peculiar: a sua experiência. Segundo Davi Arrigucci Jr.: “Uma experiência que se transmitia por histórias, pela arte do narrador, que aprecia vir de outros tempos e retomar o fio da tradição oral, nunca interrompido no Brasil, enlaçando-se ao mesmo novelo dos contadores de causos imemoriais.” (2001, p.6). O cronista quer conversar, dialogar com o seu leitor, transmitir suas experiências de vida através de uma conversa que parece meio sem rumo. Entretanto, usa com cuidado uma linguagem que auxilia na composição da narrativa, e, desse modo, percebe-se um vocabulário muito bem escolhido para ser utilizado no lugar exato dentro do texto.

Assim, Rubem Braga conseguiu esse título de cronista contador de histórias, pois: conta causos vivenciados através de suas experiências, conversa com o leitor usando a primeira pessoa e preserva a oralidade na narrativa. Esses são pontos fundamentais da arte de narrar desse cronista contador, capaz de transmitir as experiências vividas no interior, na cidade grande e em várias outras partes do mundo. Vejamos agora exemplos de crônicas que trazem essas três principais características citas acima. A crônica “Negócio de menino” é um exemplo da presença da oralidade na escrita, o narrador apresenta uma conversa entre ele e um menino. Este, que parece ser um grande conhecedor de passarinhos, propõe um negócio ao narrador, vejamos:

Tem dez anos, é filho de um amigo, e nos encontramos na praia:

— Papai me disse que o senhor tem muito passarinho...

— Só tenho três.

— Tem coleira?

— Tenho um coleirinha.

— Virado?

— Virado.

— Muito velho?

— Virado há um ano.
 — Canta?
 — Uma beleza.
 — Manso?
 — Canta no dedo.
 — O senhor vende?
 — Vendo.
 — Quanto?
 — Dez contos.
 Pausa. Depois volta:
 — Só tem coleira?
 — Tenho um melro e um curió.
 — É melro mesmo ou é vira?
 — É quase do tamanho de uma graúna.
 — Deixa coçar a cabeça?
 — Claro. Come na mão...
 — E o curió?
 — É muito bom curió.
 — Por quanto o senhor vende?
 — Dez contos.
 Pausa.
 — Deixa mais barato...
 — Para você, seis contos.
 — Com a gaiola?
 — Sem a gaiola.
 Pausa.
 — E o melro?
 — O melro eu não vendo.
 — Como se chama?
 — Brigitte.
 — Uai, é fêmea?
 — Não. Foi a empregada que botou nome. Quando ela fala com ele, ele se arrepiia todo, fica todo despenteado, então ela diz que é Brigitte.
 Pausa.
 — O coleira o senhor também deixa por seis contos?
 — Deixo por oito contos.
 — Com a gaiola?
 — Sem a gaiola.
 Longa pausa. Hesitação. A irmãzinha o chama. E, antes de sair correndo, propõe, sem me encarar:
 — O senhor não me dá um passarinho de presente, não?
 (BRAGA, 2001, p. 43-44)²

Esta crônica apresenta algumas características que levaram o cronista a ser um excelente contador de histórias da modernidade. Primeiramente porque traz uma situação que parece ter sido vivenciada por ele, através das suas experiências (destaca-se aqui a paixão do cronista por passarinhos que também é a paixão da maioria dos meninos) e, além disso, percebe-se o olhar atento do cronista para o cotidiano, para as

² Texto retirado do livro: BRAGA, Rubem. **Melhores contos**. São Paulo: Global, 2001.

coisas simples que acontecem no nosso dia-a-dia e que são captadas com detalhes pelo cronista contador de histórias e são transformadas numa boa história. Outro ponto é a presença da oralidade na narrativa, com a utilização da primeira pessoa e o diálogo entre as personagens da história. O humor, característica citada por Candido em seu texto e que trataremos mais adiante, também aparece nessa crônica. No final do texto o menino faz uma proposta inesperada para o cronista, depois de uma intensa negociação, ele acaba pedindo um passarinho de presente.

Além desses, a conversa com o leitor usando a primeira pessoa é outra característica constante nas crônicas de Rubem Braga, isso é mais uma forma de apresentar a oralidade na escrita que o cronista faz muito bem. Na crônica “Coração de mãe” o narrador contará em primeira pessoa a história da desavença entre uma mãe, dona de pensão e suas duas filhas de olhos azuis que uma noite chegam de madrugada em casa um pouco “tontas”. Para explicar a situação narrada, ao longo da história o cronista conversa com o leitor para explicar a confusão:

Ora, aconteceu que uma noite, ou, mais propriamente, uma madrugada, a mãe das moças de olhos azuis achou que aquilo era demais. Cá estou prevendo o leitor a perguntar que “aquilo” é esse, que era demais. Explicarei que Marina e Dorinha haviam chegado em casa um pouco tontas, em alegre e promíscua baratinha. (BRAGA, 2001, p. 46)

Mais adiante, quando a confusão se intensifica, o narrador descreve com cuidado as palavras proferidas pela mãe das moças de olhos azuis:

Outras palavras foram gritadas em tão puro e rude vernáculo que tentarei traduzi-las assim:

- Passem já! Vão fazer isso assim assim, vão para o diabo que as carregue, suas isso assim assim! Não ponham mais os pés em minha casa!

(o leitor inteligente substituirá as expressões “isso assim assim” pelos termos convenientes; a leitora inteligente não deve substituir coisa alguma para não ficar com vergonha). (BRAGA, 2001, p. 47)

Além de falar com o leitor, ele aconselha como este deverá interpretar as palavras da furiosa mãe, assim usa o conselho que também é típico do narrador tradicional. O texto apresenta ainda partes com diálogos que são muito frequentes na crônica e servem para representar a oralidade na escrita através das falas das personagens. Então, a partir dessas duas crônicas de Rubem Braga confirmamos o que Antonio Candido diz em seu texto e o que Davi Arrigucci Jr. também confirma:

Vistas como narração de um caso pessoal ou relacionado com o autor, sempre disposto a desfiar suas memórias capixabas atadas a instantâneos do mundo urbano, logo revelam seu parentesco próximo com o conto. Não diretamente com a forma literária moderna desse gênero que, como se sabe, vem do Romantismo e de Edgar Allan Poe,

mas com a forma simples do conto oral, ou mais propriamente com o caso popular do interior do Brasil, onde um saber feito de experiências se comunica de boca em boca por obra de narradores anônimos. (2001, p.7)

3. Um toque humorístico para o fato miúdo

Por muitas vezes tratar de assuntos que são aparentemente leves, o tom humorístico apresenta-se com frequência nesse gênero. O nosso crítico irá descrever essa característica como o encontro mais puro da crônica consigo mesma:

[...] foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (CANDIDO, 1984, p.7)

Candido acredita que a união do fato miúdo com um toque de humor e poesia representa a descrição da crônica moderna. Pode-se afirmar que os textos do nosso mestre da crônica apresenta a união desses três, além disso, o humor é acompanhado pela ironia, que tem presença marcante nos seus textos. Nas crônicas citadas acima, “Negócio de menino” e “Coração de mãe”, percebe-se que o humor se faz presente, na primeira ele revela-se no final do texto e, na segunda, aparece em quase todos os momentos da história, acompanhado da ironia.

Vejamos como ele inicia a crônica “Coração de mãe”: “O nome da rua eu não digo, e o das moças muito menos. Se me perguntarem se isso não aconteceu na Rua Correia Dutra com certas jovens que mais tarde vieram a brilhar no rádio eu darei uma desculpa qualquer e, com meu cinismo habitual, responderei que não” (BRAGA, 2001, p. 45). O cronista já inicia a crônica com uma pitada de humor e ironia, a fim de revelar as possíveis personagens da história. E continua:

[...] Uma senhora que é dona de pensão no Catete pode aceitar depois indiferentemente um cargo de ministro da guerra da Turquia, restauradora das finanças do Reich ou poeta português. A pensão da mãe das moças era uma grande pensão, pululante de funcionários, casais, estudantes, senhoras bastante desquitadas. E não devo dizer mais nada: quanto menos se falar da mãe dos outros, melhor. (BRAGA, 2001, p. 45)

Depois disso, fala sobre a confusão entre a mãe e as filhas, na qual estas arrumam as coisas para irem embora de casa, e saem para a rua chorando. É neste momento que aparecem vários homens “de bom coração” oferecendo apoio e moradia para as moças dos olhos azuis: “De todos os lados apareceram os mais bondosos

homens – funcionários, militantes, estudantes, médicos, bacharéis, jornalistas, comerciários, sanitaristas e atletas – fazendo os mais tocantes oferecimentos”. (BRAGA, 2001, p. 48). Foi então que, diante de todos os agrados daqueles homens querendo levá-las nos seus carros para as melhores hospedagens da cidade, a mãe sai e as coloca pra dentro de casa novamente, e assim o cronista termina a crônica com um toque de ironia, dizendo: “Eis o motivo pelo qual eu sempre digo: não há nada, neste mundo, como o coração de mãe”. (BRAGA, 2001, p. 49).

Poderíamos citar aqui diversas crônicas de Rubem Braga que trazem o humor e a ironia como recurso para descrever diversas situações do cotidiano. Entretanto, citaremos aqui somente essa crônica para comprovar o que Candido fala em seu texto e observar que, a utilização do humor como característica marcante da crônica, reforça novamente o tom de leveza e simplicidade que lhe é atribuída. Isso não a torna superficial, pelo contrário, de acordo com Candido (1984, p.11): “Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”.

4. Presença da crítica social

Algumas vezes a crônica parece pretender só divertir, entreter ou deixar de lado qualquer problema. No entanto, o nosso crítico afirma que: “É curioso como ela mantém o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas pode levar longe a crítica social” (CANDIDO, 1984, p.9). Nas crônicas de Rubem Braga, percebe-se também essa preocupação que, em determinados momentos, aparece em meio a algum fato que pode até causar o riso no leitor, mas que com certa ironia e perspicácia no uso da linguagem apresenta uma crítica social. Vejamos a crônica “O jovem casal”, ela trata da história de um casal jovem e apaixonado que vive num quarto de uma pensão no Catete, e enfrentam todos os problemas econômicos e sociais possíveis:

[...] Ano e meio casados, tanta aventura sonhada, e estavam tão mal naquele quarto de pensão do Catete, muito barulhento: "Lutaremos contra tudo" — havia dito — e ele pensou com amargor que estavam lutando apenas contra as baratas, as horríveis baratas do velho sobradão. Ela apenas com um gesto de susto e nojo se encolhia a um canto ou saía para o corredor — ele, com repugnância, ia matar o bicho; depois, com mais desgosto ainda, jogá-lo fora.

E havia as pulgas; havia a falta de água, e quando havia água, a fila dos hóspedes no corredor, diante da porta do chuveiro. Havia as instalações que sempre cheiravam mal, o papel da parede amarelado e feio, as duas velhas gordas, pintadas, da mesinha ao lado, que lhe tiravam o apetite para a mesquinha comida da pensão. Toda a tristeza, toda a mediocridade, toda a feiura duma vida estreita onde o mau-gosto atroz e pretensioso da classe média se juntava à minuciosa ganância comercial — um ovo era "extraordinário", quando eles pediam dois ovos a dona da pensão olhava com raiva, estavam atrasados dias no pagamento. (BRAGA, 2001, p. 41)

Certo dia, esse jovem casal esperava o bonde que ou passava lotado ou insistia em demorar, no meio de um sol escaldante. Depois de ela ter que voltar na pensão porque havia esquecido a receita do médico, perdem mais um bonde, e este estava vazio. Então, um grande carro conversível para no sinal:

[...] Lá dentro havia um casal, um sujeito meio calvo de ar importante na direção, uma mulherzinha muito pintada ao lado, sentiram o cheiro de seu perfume caro. A mulherzinha deu-lhes um vago olhar, examinou um pouco mais detidamente a moça, correndo os olhos da cabeça até os sapatos pobres — enquanto o senhor meio calvo dizia alguma coisa sobre anéis, e no momento do carro partir com um arranco macio e poderoso ouviram que a mulherzinha dizia: "se ele deixar aquele por quinze contos, eu fico."

Quinze contos — isso entrou dolorosamente pelos ouvidos do rapaz, parece que foi bater, como um soco, em seu estômago mal alimentado — quinze contos, meses e meses de pensão! Então olhou a mulher e achou-a tão linda e triste com sua blusinha branca, tão frágil, tão jovem e tão querida, que sentiu os olhos arderem de vontade de chorar de humilhação por ser tão pobre; disse: "Viu aquela vaca dizendo que vai comprar um anel de quinze contos?"

Vinha o bonde.

A crônica descreve claramente a desigualdade social presente no nosso país, enquanto muitos sobrevivem com dificuldades, outros ostentam uma vida de luxo. O jovem mal alimentado sente-se humilhado em saber que a mulher do conversível gastará alguns contos num anel, dinheiro que daria para pagar meses do aluguel da pensão. O tom de revolta é descrito na fala final dele, que contrasta com seu jeito paciente e carinhoso mostrado ao longo do texto.

Revelando aqui a sua preocupação social, a crônica nos mostra que pode falar das mais variados assuntos utilizando-se de diversos meios para conseguir o efeito que deseja. Estamos falando do hibridismo desse gênero, assunto que citaremos a seguir.

Conclusão – um gênero híbrido

A crônica é considerada um gênero híbrido, vimos até agora exemplos de textos que se estruturam como diálogos: “Negócio de menino”, outros que se aproximam de um texto humorístico ou da anedota: “Coração de mãe”, e os que se assemelham ao conto, ou seja, uma narrativa com certa estrutura de ficção como, por exemplo, “O jovem casal”. Ela ainda pode se aproximar de uma biografia lírica ou de uma exposição poética, entre outros que Antonio Candido não cita em sua análise.

Esse gênero tem a capacidade de ser o que quiser, com o intuito de não se deixar naufragar apenas no fato do cotidiano. Em Rubem Braga, percebemos as fronteiras da instabilidade da crônica que, segundo Davi Arrigucci Jr.: “Buscando uma saída literária, as margens da sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata” (1985, p.46). Por isso, conclui que:

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que, mesmo sem

abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo. Outras vezes, a tendência é para a prosa de ficção, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente: ela pode se confundir com o conto, a narrativa satírica a confissão. Outras ainda, como em tantos casos conhecidos, constitui um texto difícil de classificar: é... crônica. (1985, p.46)

Desse modo, percebe-se que a crônica é um gênero especial, que com a sua simplicidade torna-se difícil de classificar e definir como detentora de determinadas características. Por isso, possui vários meios para o leitor se achar até ela, “é que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo” (CANDIDO, 1984, p.13). Assim, conclui-se que por meio da sua despreensão, há sempre muita riqueza para o leitor explorar na crônica e, “por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo dia”. (CANDIDO, 1984, p.11).

Referências bibliográficas

ARRIGUCCI JR., Davi. Braga de novo por aqui. In: *Melhores contos – Rubem Braga*. São Paulo: Global, 2001. p. 5-27.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 46, p. 43-53, jan.-dez. 1985.

BRAGA, Rubem. *Melhores contos – Rubem Braga*. São Paulo: Global, 2001.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio.